

# IMPUGNAÇÃO

AO

PROTESTO

DO

Sr. Visconde de Jequitinhonha.



# IMPUGNAÇÃO

AO

## PROTESTO

DO

SR. VISCONDE DE JEQUITINHONHA

FOR

Quintino Bocayuva.

---

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA PERSEVERANÇA

91 - RUA DO HOSPICIO - 91

1865.



## Ao leitor.

---

Não era intenção minha incorporar em um opusculo as ligeiras considerações que fiz sobre o *Protesto* do Sr. Visconde de Jequitinhonha logo que appareceu esse notabilissimo escripto.

Contentava-me com ter assumido ante o paiz a responsabilidade da minha opinião sobre o importante feito do sitio e rendição da villa de Uruguayana e do meu *juizo* sobre a inconveniente publicação do Sr. Visconde.

*Desabrido*, embora, como aprouve qualificar-o á illustrada redacção da *Chronica Fluminense*, desde que foi manifestado com lealdade e franqueza, póde não ser lisongeiro á imparcialidade do autor mas em todo o caso não lhe deshonra o character.

Tanto me basta.

Confesso, porém, que não pude ser imparcial.

Em sua essencia e em sua fórma, achei o folheto condemnavel.

A intenção do escripto era má, a sua publicação inopportuna, o seu estylo deploravel: nada que satisfizesse á intelligencia, nada que satisfizesse á consciencia: o que havia que salvar da obra?

Accusou-se-me, no emtanto, de irreverencioso para com o Sr. Visconde, por ser S. Ex. um homem velho e um cidadão altamente collocado. Disse-se que eu me havia occupado mais com a pessoa do que com o escripto de S. Ex. Levanto a accusação para defender-me della.

Não é o critico quem deve emprestar o assumpto ao autor de uma obra.

O Sr. Visconde mal e ligeiramente delineou varias questões, mas não se dignou desenvolver ou discutir nenhuma dellas. Não me restava, pois, outro recurso além do que empreguei — censurar o escripto censurando o autor.

Fui severo, fui talvez aspero: nunca, porém, descomedido ou injurioso.

Desprezei é certo o conselbo de Suetonio, que já no seu tempo julgava imprudente censurar os senadores: *Maledicere senatoribus non oportet.*

Mas tenho para mim, que as altas posições sociaes, longe de concederem privilegio aos que dellas gozam para serem irreflectidos e imprudentes, impoem-lhes o dever de se comportarem com mais criterio e circumspecção.

Quanto ao argumento da idade.... perdoem-me S. Ex. e os seus amigos : acho-o fraco. Venero sem duvida as cans : mas quando ellas coroam a magestade que se impõe pelo genio ou pela virtude.

Não respeito o que é velho por ser velho : respeito o que é respeitavel.

Devo, porém, explicar ao publico a razão por que appareço hoje sob outra fórma. Publicações posteriores, mas devidas a pennas mais illustradas, hão estabelecido, para assim dizer, um processo historico a proposito do *Protesto* do Sr. Visconde.

Em tal processo todas as peças são uteis : frago tambem o meu libello para ser incorporado ao auto.

Não é esta, para mim, uma questão de vaidade ; mas de convicção. A verdade historica tem tambem o seu pudor. Attentar contra este é violar a consciencia nacional.

**Q. Bocayuva.**



# PROTESTO

DO

Senador Visconde de Jequitinhonha  
contra a intervenção dos alliados no sitio e  
rendição da cidade de Uruguayana. (\*)

---

O Sr. Visconde Jequitinhonha, Senador do Imperio e Conselheiro de Estado em exercicio, acaba de publicar um opusculo relativo á guerra do Paraguay.

O titulo do opusculo e a intenção do autor por elle manifestada, indicam simplesmente um *protesto* contra a intervenção dos alliados no sitio e rendição da *villa* da Uruguayana que S. Ex. graciosamente concedera com o titulo de *cidade*.

Desculpe-nos S. Ex. se assignalamos com certa malicia esta pequena circumstancia: mas fazemo-lo muito de industria em homenagem ao proprio Sr. Visconde. Um estadista do quilate de S. Ex., um personagem tão notavel, não tem o direito de afeiar o

(\*) Folhetim do *Diario do Rio de Janeiro*, de 11 de Outubro de 1865. O folheto do Sr. Visconde appareceu, como se sabe, no dia 10.

rosto de um opusculo politico destinado a *fazer barulho*, com um erro tão vulgar, que mal previne o espirito contra a serenidade intellectual do seu autor.

A precipitação póde servir de desculpa, mas tambem de argumento contra a obra.

S. Ex. começou mal.

Lançando um olhar de reprehensão a todo o passado da politica brasileira no Rio da Prata, S. Ex. declara que prefere ficar diante da Uruguayana saqueada e incendiada para ser conciso na condemnação que tem de lavrar.

Adoptando o mesmo expediente e esquecendo por ora a intenção do áutor do opusculo, estacaremos tambem diante do folheto em si mesmo, tal como é, tal como surgio do cerebro do Sr. Visconde, monstro na idéa e monstro na fórma.

Com effeito, ainda para os leitores do Rio de Janeiro, acostumados á leitura das obras de certos *stylistas originaes*, é difficil deparar com um escripto mais vulgar. O espirito se entristece diante do folheto a que alludimos. A essencia immaterial do homem sente-se aviltada diante dessa triste demonstração de uma dupla caducidade—a caducidade da intelligencia unida á decrepitude do coração.

O opusculo do Sr. Visconde é com effeito um *protesto*, mas um protesto contra o bom senso e contra o bom sentir dos brasileiros. Ha nelle defficiencia de razão politica, defficiencia de senso juridico. O Sr. de Jequitinhonha não raciocina, declama; não adduz argumentos, semeia palavras retumbantes e exclamações ridiculas. Convida para meditar,

e elle proprio não reflecte. Importuna-se com as salvas patrioticas e com o jubilo do povo pela restauração de uma parte da integridade nacional, e é elle mesmo quem, n'um estylo de interjeições, admirações e reticencias frivolas, parece atacar gy-randolas e deleitar-se com o curso caprichoso das flechas fendendo as regiões serenas da atmosphera calma e limpida onde paira a opinião esclarecida e imparcial do povo brasileiro.

Mas o que quer o Sr. Visconde? Qual é seu fim?

Tanto quanto é possível discernir no meio do estylo caliginoso de S. Ex. parece que a sua idéa é protestar :

1.º Contra a alliança celebrada com a Confederação Argentina e com o Estado Oriental para se fazer a guerra ao Paraguay.

2.º Contra a propria guerra porque no entender de S. Ex. não está provado que o Governo Imperial empregasse todos os meios para *evita-la*.

3.º Contra a intervenção das armas alliadas no sitio de Uruguayana, porque lhe parece uma des-honra para o Imperio e um eclipse para a independencia nacional, o facto de operar-se a rendição dessa praça brasileira pela acção conjuncta dos exercitos alliados.

4.º Contra o abandono da provincia de Matto Grosso que no seu entender devera ter a preferencia dos soccorros.

5.º Contra a magnanimidade usada para com os vencidos de Uruguayana.

S. Ex., porém entendeu que se podia dispensar de adduzir argumentos e provas com que justificasse o seu protesto. Espreitando a occasião e procurando um escandalo de publicidade, S. Ex. quiz surprender a opinião publica.

Cabe aqui a paraphrase de um critico severo a respeito de um escriptor que era deveras eminente, apezar de ter com o Sr. Visconde o defeito do sophisma. S. Ex. não pôde supportar por muito tempo a obscuridade e o silencio em roda do seu nome. Como a tribuna da camara vitalicia estava fechada e S. Ex. receia que assim permaneça ainda por um anno, appellou para a imprensa. Um pamphleto vale ás vezes um discurso, se este é notavel, e mais ainda se o discurso é futil. Não podendo orar, escreveu. S. Ex., porém, enganou-se suppondo poder abusar da imprensa como tem abusado da tribuna.

O theatro e os espectadores são outros. Falta a condescendencia dos collegas. Falta o canção da sessão que permite ao espirito sobrecarregado com assumptos serios, deleitar-se momentaneamente com a chacota, com as pilherias, com os ademanes e trejeitos grotescos do orador licencioso, que se permite essa irreverencia para com o recinto da representação nacional.

O talento, a habilidade, os recursos do parlamentar adextrado nas lutas da tribuna, podem por momentos fazer esquecer ou attenuar esse desvio da intelligencia que traz quasi sempre consigo o desvio da consciencia. Mas ante a razão calma e esclare-

cida do leitor que reflecte, analysa, compara, raiocina emfim, taes recursos não são recursos, são imperfeições, são maculas que repugnam ao criterio e ao bom gosto, e os *ohs!* e os *ahs!* e as exclamações e as phrases repetidas de industria para causar effeito, as reticencias prolongadas... para envenenar a consciencia do leitor com a maliciosa suspensão da idéa, tudo isso, semeado á mancheia, sem ordem, sem graça, sem propriedade, sem pertinencia, nada significa, nada prova, nada vale.

O Sr. Visconde foi infeliz. Quiz fazer gala da sua decadencia e attentou contra a sua propria velhice. As cans como a nobreza obrigam tambem, segundo o espirito da phrase franceza. Não se póde permittir a homens de tal idade e de tal posição que esqueçam a gravidade inherente ao seu character publico. E sobre tudo quando a esse esquecimento liga-se uma intenção menos nobre, menos generosa, menos patriótica, póde-se affirmar que a falta é imperdoavel.

O Sr. Visconde claudicou, e claudicou a ponto de censurar a alliança celebrada com a Confederação Argentina *pelo segredo* que a este respeito se guardou. Tal segredo não existio. Logo que a alliança se estabeleceu, foi a imprensa brasileira bem como a imprensa platina, a que primeiro divulgou as bases do Tratado reveladas por conjecturas quasi officialmente confirmadas. Não foi, portanto, a correspondencia diplomatica dos ministros inglezes apresentada ás camaras da Gran-Bretanha a que veio dar noticia desse acontecimento ao povo brasileiro.

Em que, porém, essa aliança é deshonrosa ao Imperio e contraria os vitaes interesses do paiz? Eis o que o Sr. Visconde não indaga no seu opusculo quando a isso se devia sentir obrigado desde que julgou prudente e patriótico anteceder as revelações da tribuna do senado.

A segunda arguição de S. Ex. mais irreflectida ainda nos parece. A guerra que actualmente fazemos ao Paraguay, guerra santa e patriótica, a que fomos provocados e a que não podíamos deixar de recorrer sem renunciar á cathgoria de nação livre e independente, merece a condemnação do Sr. Visconde de Jequitinhonha, porque não está provado que a diplomacia brasileira tentasse ao menos evitá-la. E' ao Governo Imperial que o Sr. Visconde responsabilisa pelos desastres da guerra e não ao despota cruento que nos veio provocar com o insulto, com a depredação, com a violação da nossa soberania e da nossa integridade territorial!

« Quem é, pois, o inimigo da agricultura? pergunta S. Ex. Não é aquelle *que provoca* ou *não acautela* uma luta para a qual serão necessarios centenares de mil contos? »

Custa deveras comprehender como é que um Senador do Imperio e Conselheiro de Estado, e mais do que isso, um brasileiro, póde imputar com injustiça, ao governo do seu paiz uma falta tão grave quanto é felizmente imaginaria. S. Ex. parece confundir os horisontes. Elevado ás *altiplanuras* da sociedade, os seus raios visuaes convergem n'uma especie de strabismo moral; e perde a linha da

superfície dos negocios para extraviar-se nos accidentes tortuosos de uma politica obsecada pela paixão da inveja ou pela mortificação de uma vaidade insaciavel.

• Porque não se soccorreu promptamente a longinqua Provincia de Matto Grosso adiando-se até hoje a restauração da integridade nacional partida nessa provincia? E' outra interrogação que S. Ex. faz, ufano do patriotismo que ella revela. Quaes os obstaculos invenciveis, continúa S. Ex., que forçaram o Governo Imperial a não acudir incontinentemente aos pontos invadidos? •

A interrogação de S. Ex. neste ponto provoca tambem uma interrogação nossa. Se o Sr. Visconde está, como diz, convencido de que deve tratar *já pela imprensa* de assumpto tão nacional e digno dos desvelos de um representante que cuida de defender a honra e dignidade do paiz oppondo-se a actos mal avisados, porque não julgou opportuno fazer as considerações que hoje faz, quando os actos se realizaram?

Pois, por ventura, datam de hoje as contradanças do presidente de Matto Grosso, a que S. Ex. allude como uma leviandade inqualificavel?

Datam de hoje as primeiras operações da guerra e o plano da campanha contra o Paraguay?

Datam de hoje a expedição das tropas para o Rio da Prata e os actos consequentes que se seguiram á alliança dos tres Estados?

O Sr. Visconde obriga-nos a pôr de quarentena a capacidade de certos estadistas. S. Ex. tem para si

que era mais natural, mais digna e mais facil a tarefa de se emprehender a defeza da provincia de Matto Grosso do que procurar ferir o nosso inimigo pelas fronteiras mais proximas. Infelizmente, porém, S. Ex. que se vangloriou de haver concorrido para dotar o bairro da Tijuca com o melhoramento de uma estrada de rodagem, não teve a fortuna de ligar o seu nome a uma estrada estrategica que tornasse facil, commoda e rapida a expedição dos soccorros á longinqua provincia de Matto Grosso. Ora o obstaculo da distancia parece-nos neste caso invencivel.

Mas S. Ex. tinha tambem o seu plano e é curioso de mais para que o não divulguemos. S. Ex. queria que se deixasse suspensa a questão oriental e que nos dirigissemos por Matto Grosso a bater a insolencia do inimigo. Um exercito a formar para emprehender a campanha; um outro inimigo na nossa fronteira do Sul, uma revolução que ameaçava incendiar a provincia do Rio-Grande do Sul, uma viagem terrestre impossivel para um exercito, tudo isso é nada aos olhos do Sr. conselheiro Visconde de Jequitinhonha.

A deshonra do Imperio está lavrada. E pela mão do Sr. Visconde de Jequitinhonha! não quando a attribue á intervenção das armas alliadas no sitio e na rendição de Uruguayana, mas quando a as-signala como tal.

Poremos de lado a questão do commando das tropas no territorio brasileiro. Porque a não achamos nem prudente nem opportuna. Somos tambem natu-

ralmente vaidosos; queremos ter sobre o Sr. Visconde, nesta questão, a superioridade da prudencia dos nossos verdes annos opposta á irreflexão da idade madura de S. Ex.

Não conhecemos o tratado da triplice alliança em sua integridade como tambem o não conhece S. Ex. Mas a julgar pelas bases publicadas não vemos justificada a indignação de S. Ex. contra a intervenção das armas alliadas no solo nacional. Para resolver-se a propria questão do commando, lembramo-nos que o tratado previo a hypothese de operações militares conjunctamente desenvolvidas no territorio de qualquer dos tres Estados. E se os accidentes da campanha tornaram necessaria a passagem das tropas orientaes e argentinas que com as brasileiras derrotaram na margem direita do Uruguay a columna paraguaya que procurava auxiliar os movimentos da columna de Estigarribia, não vemos em que possa sentir-se affrontada a dignidade nacional.

A guerra é commum nas glorias e nos sacrificios aos tres Estados compromettidos na alliança contra o Paraguay. Querer dividir os tres exercitos por questões de competencia local, é difficultar o exito da campanha emprehendida, é renegar da politica inaugurada no Rio da Prata, é voltar ao passado das recriminações e das suspeitas contra a lealdade do Imperio, é fazer surgir da guerra actual uma guerra futura em que longe de sermos tres contra o Paraguay póde achar-se o Brasil só contra as tres republicas alliadas contra nós.

A susceptibilidade do Sr. Visconde vai, porém, mais longe. Cobre-se de horror e de tristeza vendo a excessiva generosidade com que são tratados os vencidos. Repugna-lhe ver o offendido estender mão clemente ao offensor humilhado, desarmado, entregue á discricção do vencedor.

Em seu arroubo, o illustre Visconde vê até o que ninguém vio—*conceder-se honras de guerra* ao invasor. Para o nobre Visconde, essa generosidade é desconhecida nos fastos da guerra. A guerra moderna, a guerra civilisadora e humana é a que responde á ferocidade com a ferocidade, á devastação com a devastação, á pilhagem com a pilhagem, ao assassinato com o assassinato!

Não podemos prescindir da admiração neste ponto. O Sr. Visconde torna-se contemporaneo de Tamerlão e de Gengiskan. Triste aberração do espirito humano; singular negação do progresso e do christianismo por parte de tão humanitario cidadão. Mas o que queria o Sr. Visconde que se fizesse aos vencidos?

Acceitada a capitulação como conveniente, nós que não somos conselheiro de estado nem senador, nem oraculo politico, não encheríamos se não tres modos de proceder:

Trucidar os vencidos; o que fora a deshonra do Imperio: conceder aos officiaes permissão para se dirigirem a qualquer ponto, inclusive o Paraguay: ou negar-lhes esta ultima clausula e acceitando-os nas condições propostas, alimenta-los para não morrerem á fome.

O Sr. Visconde condemna o proceder que se usou para com elles, mas não teve a coragem de indicar o expediente que lhe parecia mais proprio e mais digno.

Fulmina o acto, mas não aconselha o modo de se livrar o Imperio airosamente.

Não foram as armas imperiaes alliadas ás dos Argentinos e Orientaes as que reduziram o inimigo em Uruguayana. Foi a fome. E' ainda S. Ex. quem o diz.

De todo esse acto grandioso da capitulação de Uruguayana, capitulação ennobrecida pela magnanimidade dos vencedores, nobre e generosa attitude que, á parte os incidentes do sitio que não quere-mos apreciar, ha de produzir no futuro beneficos fructos, o Sr. Visconde de Jequitinhonha não vê se não o escandalo de entestar o bonet phrygio com a Corôa Imperial, e de preferirem os orientaes *blancos* entregar-se ao Imperio, de quem haviam sido ha pouco encarniçados inimigos.

Extenuado á força de tanta meditação; desilludido diante de tantos erros e desacertos, descrente e gasto d'alma para appellar para o futuro e pedir á razão calma e á consciencia nacional a reparação dos males passados, o Sr. Visconde de Jequitinhonha, Senador do imperio, septuagenario, Representante da Nação e Conselheiro da Corôa, não acha, diante da humiliação que elle julga ter abatido a dignidade do imperio, se não um remedio:

— *Aconselhar á nação que busque e reconheça um patrono ou que constitua uma federação!!!*

Este appello á revolução e á mudança dynastica, na ausencia de um patrono mais effcaz, é realmente admiravel por parte de um vulto politico tão saliente.

Nós não somos tão pessimistas como o Sr. Visconde. Não descremos do futuro nem commetteriamos o crime de desesperar o nosso paiz.

Mas, se para justificação de tantos erros e de tantos desastres na nossa politica, fosse possivel achar uma só razão, nós a encontraríamos na circumstancia de se acharem collocados em posições eminentes, no seio da representação vitalicia do paiz e nos Conselhos da Corôa, estadistas que dão de si a cópia deploravel com que o Sr. Visconde de Jequitinhonha acaba de escandalisar o bom senso e a liugua nacional.